

A Gaia Ciência na Angústia de Gracilano Ramos

Ercília Macedo-Eckel

Deus está morto. Nietzsche

**O Deus cristão foi assassinado por cientistas,
filósofos, eruditos e artistas. Os intelectuais
europeus do século XIX eram niilistas.**

Palavras introdutórias

A **gaia ciência** de Nietzsche (1882), ou *O alegre saber*, mostra que, embora seu autor louve no período positivista “o conhecimento que amadurece devagar e as convicções profundamente ponderadas, a própria forma dessa obra não é o seu modo de trabalhar. Ataca historiadores por sepultarem grandes homens sob confusão de fatos, por substituírem intuições genuínas por continuidades intermináveis e por negarem que haja gênio que se não desenvolva como eles se desenvolvem — lenta, gradativa, tediosamente”. (4:73)

O estilo nietzschiano de observações aparentemente desconexas faz parte de um modo de pensar em que prevalece a categoria do singular e do individual, até quando impertinente. Daí a concepção teórica da linguagem atomística: se se não de encontrar o significado e o valor em algum lugar, há de ser nos elementos singulares e discretos, nas metáforas que expressam momentos individuais de verdade. Tanto a *vida* quanto a *vontade de poder* foram vistas como princípios relacionados apenas com o ser e a moral de pessoas isoladas. A sistemática preferência de Nietzsche é clara: está sempre a favor do homem singular contra o rebanho, do gênio contra a justiça, da graça contra desertos; favorece a inspiração contra o domínio das regras e a competência profissional, e todas as formas de heroísmo contra tudo o que é *humano, demasiado humano*. O caso singular, que ele conhece e generaliza, é o caso exemplar. (id: 72)

O título da obra traduz as saturnais de um espírito que suportou durante uma demorada e terrível pressão, paciente, friamente, sem abdicação, mas sem esperança e repentinamente assaltado pela esperança, pela esperança de sarar, pela embriaguez de sarar. Um pouco de loucura, de turbulência, de “gaia ciência”. Um pouco de desejo de um médico filósofo que estude a saúde geral do povo, da raça, da humanidade; que trate da *verdade* – não se esquecendo de que o *sofrimento, apenas o grande sofrimento, liberta o espírito* e nos faz descer até a última dobra de nossas profundezas, tornando-nos melhores.

O gosto de Nietzsche se afasta dessa rede de intrigas românticas em que se compraz a plebe da inteligência e da sua amálgama de inspirações ao sublime, ao elevado, ao rebuscado. Nós convalescentes precisamos de uma *arte zombeteira*, leve, fluida, artificial. Pois a *aparência* não será o contrário de um ser, *aparência* é a própria vida e ação, preconizando o esforço contínuo para criar o homem superior, pelo poder da *vontade*, evitando sempre cair no pessimismo.

A gaia ciência contém cinco livros:

O livro primeiro fala sobre o objetivo da ciência com seus doutores, sobre o que é nobre e o que é vil, sobre consciência intelectual e consciência pura. Discute sentimentos de poder, paixões, generosidade, nobreza, sofrimento. Além de falar sobre “altivez antiga”.

O livro segundo discorre sobre a criação artística, comparando, como os gregos, arte e natureza. Discute a castidade das mulheres e a maternidade. Fala também de ética e estética, mediante exemplos de músicos e filósofos.

O livro terceiro entra no campo do conhecimento, na origem da lógica e seus efeitos patéticos (dela, lógica) no “cognoscente”. Elogia o politeísmo e vai até o signo da liberdade que é: “não se escandalizar consigo mesmo” (nº 275).

O livro quarto, Sanctus Januarius (São Janeiro), começa com o “ano novo”. Fala da possibilidade de “fé em si mesmo” e do delírio dos contemplativos; discorre, ainda, sobre felicidade, autodomínio, moral e reputação, sabedoria na dor e humanidade do futuro.

O livro quinto – *Nós, os destemidos* – aponta para um Nietzsche quase petulante, originalmente transcendente, com uma religiosidade atípica e uma grande interrogação sobre o homem e o mundo, ou sobre o homem contra o mundo. Veneração a, refúgio em, ou desconfiança contra o quê? Contra quem? Essas perguntas levariam ao niilismo? A isso o autor acrescenta conceitos sobre pessimismo filosófico e pessimismo romântico do século XIX, fazendo-nos perder no “novo infinito”. Ou no epílogo com um “ponto de interrogação

sombrio” (...), seguido da sugestão de um canto matinal, ensolarado: *Não vinde com tais sons! Entoemos melodias mais agradáveis e mais alegres!* “(G.C.nº 383).

Em **Angústia**, de Graciliano Ramos, Luís da Silva é o protagonista-narrador, funcionário público, intelectual frustrado, escritor noturno de sexo reprimido, tímido e solitário desde criança e que vive entre dois mundos com os quais não se identifica. Personagem essa proveniente de uma sociedade rural em decadência e que desenvolve uma ojeriza e um asco de si mesmo e dos outros. Talvez porque os fantasmas familiares e do passado não deixem esse protagonista em paz.

Apaixonou-se pela vizinha Marina. Entregou-lhe sua modesta economia para aquisição do hipotético enxoval. Mas a moça é vulnerável como o vento. Apareceu Julião Tavares que tem tudo para oferecer à desejada de Luís: muita ousadia, dinheiro, posição social, alegria, e também safadeza e traição, logo a seguir. Da Silva encheu-se de ódio (de cachaça) e de

pensamentos assassinos, até que estrangulou o rival e o pendurou numa árvore para simular enforcamento. Ficou transbordando felicidade: Com Julião estrangulara também todas as “figurinhas insignificantes” da cidade (e da repartição) que pretendiam mandar em sua vontade; estrangulou, ainda, o restante do mundo que lhe havia oprimido e frustrado com cenas de horror, fome e miséria. Bagaço de gente. “Tudo virou fumaça”, estrebuchando.

Luís da Silva sempre se sentiu e ainda se sente muito sujo, cercado de nojo, poeira, fuligem e piche. Precisa de muita água. Purificar-se no banheiro, lavar as mãos uma infinidade de vezes, lavar as canetas antes de escrever, evitar estender a destra, ao cumprimentar alguém. Não é para menos: Além de tudo, Luís gosta de sentir aquele cheiro das mulheres e pensar indecências. É preciso lavar as mãos diante (de tantos ratos) de tantos símbolos eróticos e fálicos; cobras e mais cobras, canos, cajado de cego, mulher lavando garrafa e pendurando garrafa “ao dedo” e a corda do mendigo Ivo com que enforcara Julião.

Depois do crime Luís adoece, mas parece se recuperar e começa a escrever o livro, atormentado pelos fantasmas de Julião Tavares, por lembranças horríveis de seu passado. Assim, vai tecendo sua angústia com urdidura psicológica e social, utilizando-se dos fios das personagens e “figurinhas insignificantes” de seu tempo.

No presente estudo prender-nos-emos um pouco mais, em alguns aspectos, ao *Livro primeiro* de **A gaia ciência** (1882), fazendo as conexões possíveis com **Angústia** (1936), de Graciliano Ramos, a seguir:

1 Trabalhadores, operários... (G.C. n°s 7, 40, 41, 42)

Inicialmente seria bom indagar-se se já fizemos um estudo das divisões do tempo, das consequências de um programa regular de trabalho, das festas e do repouso; se já existe uma filosofia da nutrição, se os costumes dos sábios, mercadores, artistas e operários já encontraram o seu pensador. Já estudamos até o fundo aquilo que o homem considera até hoje como sendo suas *condições de existência*? A ciência reuniria condições de dar aos homens os objetivos da vida depois de ter provado que os pode tirar e destruir? Há de se dominar a ciência. E dominar a ciência significa discipliná-la, controlar seus excessos, determinar seu valor no sentido de controlar a exorbitância de suas pretensões.

Precursor do nazismo, Nietzsche impressionou os direitistas franceses com suas idéias de uma nova elite aristocrática, além de influenciar na Alemanha os nazistas. Assim poderá ele dizer (G. C. n° 40) que *O operário só vê no patrão um cão astuto, vampiro que especula com todas as misérias* e cujo nome, pessoa, costumes e reputação lhe são perfeitamente indiferentes. Os fabricantes e grandes negociantes provavelmente mostraram até nossos dias a *falta desses sinais que distinguem a raça superior*, formas que são necessárias para tornar interessante uma *personalidade*; se possuíssem no olhar ou no gesto a *distinção de nobreza hereditária*, talvez não houvesse socialismo de massas. Porque *as massas estão prontas, no fundo, a qualquer espécie de escravatura, desde que o chefe se mostre superior* e legítimo seu direito de comandar *de nascença* pela nobreza da forma.

O drama de *Luís da Silva* não é só pessoal, é também coletivo. Carrega o *nojo e a repugnância* dos outros e de si mesmo, esmagado pela vida numa rede de misérias, segregação e solidão, escreve seus experimentos para acabar com o sonho de angústia que é esta vida. Enfrenta a *província*, a *distinção da nobreza*:

(...) Farejava o provinciano de longe, conhecia o nordestino pela roupa, pela cor desbotada, pela pronúncia. E assaltava-o:

_ Um filho do nordeste, perseguido pela adversidade, apela para a generosidade de V. Exa.

Valoriza a esmola:

_Trago um romance entre os meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. Sou obrigado a recorrer aos meus conterrâneos. Até que me arranje, até que possa editar as minhas obras.

Recebia, com um sorriso, o níquel e o gesto de desprezo, (Angústia, p.28).

E o gracioso senhor, não se satisfazendo com o resultado, não deve ter remorso, deixa isso aos que agem sob ordens e que esperam as varadas:

_Escrevi muito atacando a república velha, doutor; sacrifiquei-me, endividei-me, estive preso por causa da ideologia, doutor.

Afinal, para se livrarem de mim, atiraram-me este osso que vou roendo com ódio. (A. p.28)

“Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso (A. p. 49).

2 Famílias castas, conservadoras; isolamento, silêncio, solidão (G. C. n.ºs. 10, 47, 50, 76, 309, 365)

Os homens excepcionais de uma época aparecem como rebentos repentinos de culturas antigas e Nietzsche vê neles o *atavismo de um povo e de seus costumes*. Mas antigamente essas qualidades raras eram correntes e tomadas como vulgares, não conferiam nobreza.

Talvez fossem requeridas, postuladas: não vos podiam engrandecer posto que não havia o risco de vos tornarem um *solitário*, um *louco*. É principalmente nas *famílias e castas conservadoras* de um povo que se produzem choques de recuo, velhos instintos; estes atavismos parecem improváveis onde raças, costumes e desvalorizações mudam rapidamente, (G. C. n.º 10).

O isolamento! O argumento que destroi os melhores argumentos em favor de um homem ou uma causa! (n.º 50).

A inadaptação de *Luis da Silva* começa na infância, quando seu pai lhe impõe a segregação e, conseqüentemente, a solidão de que ficam os sonhos e inquietantes recordações:

... Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação de verbos. O professor dormia durante as lições. (...) Saíamos em algazarra. Eu ia jogar pião sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só (A. p. 13).

O relógio marca o compasso da mesmice de seu pensamento defunto, de adulto sob regulamento:

Não, não é o sino da igreja, é o relógio da sala de jantar. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, chegar à repartição às nove horas (...) Está claro que o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, *um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador*, um Luis da Silva qualquer. (p.23)

Trinta e cinco anos, funcionário público, homem de ocupações marcadas pelo regulamento. (p.35)

Homem de repartição *habitado a não ver nada fora dos processos* (p. 168).

Educado no hábito de *refrear as paixões* e de *não se corromper*, perdeu a própria paixão que foi substituída pela *consciência niilizada* de uma personagem dividida no espaço-tempo da existência, reconstruindo-se na própria memória porque ainda capaz de perscrutar a própria essência:

La sentar-me no canto mais escuro, longe do candeeiro de petróleo, *longe dos homens de camisas sem mangas* e das mulheres que arrastavam tamancos. Vagabundos? Nada. Estavam ali indivíduos de várias profissões. (p. 118)

E a marcha do carnaval entristecia nos bordões do pinho. Todas aquelas pessoas entendiam-se perfeitamente. Diferiam umas das outras, mas havia *qualquer coisa que as aproximava, com certeza os remendos*, a roupa suja, a imprevidência, a alegria, qualquer coisa. *Eu é que não podia entendê-las. – Sim senhor. Não senhor.* Entre elas nas havia esse *senhor* que nos separava. Mas *meu pai* estava na esquina, conversando com Teotoninho Sabiá, *e não consentia que me aproximasse das crianças, certamente receando que me corrompesse. Sempre brinquei só. Por isso cresci assim besta e mofino.* (p. 119-20)

Um menino grande e besta, muito diferente dos que brincavam junto à barca de terra e varas. *Na escola de mestre Antônio Justino sentava-me afastado dos outros, naturalmente para não me corromper.* (p. 121)

Diz Nietzsche (G.C. n° 50) no *argumento do isolamento* que a ação coercitiva da consciência pesa pouco diante do pensamento de que “*esta ou aquela coisa é contrária ao bom uso de tua sociedade*”, pois o olhar frio, *um rosto aborrecido de alguns entre os quais se*

foi educado, é o suficiente para apavorar até o mais forte. É a voz de nosso instinto de rebanho.

Caracterizar a filosofia de Nietzsche como uma *filosofia de valor* significa destacar sua dimensão crítica, uma vez que tematizar os valores é justamente questionar os valores e suspeitar do valor dos valores — pois estes não são eternos, imutáveis ou inquestionáveis. *Os valores são históricos, sociais, produzidos.* E só há valor graças à avaliação. Nós que criamos o mundo com valor, apesar da desconfiança e suspeita que levantamos a respeito dele. Suspeita esta porque valores *niilistas*. Niilismo é a lógica de nossos valores e de nossos ideais; o motor de nossa história. “E mesmo que a história tenha conhecido vários sentidos do *niilismo*, todos eles são decorrência de um primeiro sentido: a desvalorização da vida em nome dos valores superiores.” (3: 96)

3. Angústia, sofrimento, dor, miséria (G. C. n.ºs. 48, 56, 318)

O que mais separa as pessoas e épocas é o grau de conhecimento da *miséria* tanto da alma como do corpo. Desta última principalmente quando o indivíduo deve se autoprotger contra a violência e tornar-se em função disso também um violento, exercitando-se na crueldade até para consigo mesmo e no *sofrimento voluntário*, meio necessário à sua conservação. Mas hoje ninguém mais é treinado no sofrimento, nem físico, nem moral e o sofrimento, segundo Nietzsche, é mais odiado agora que antigamente. Para ele, *o florescimento de filosofias pessimistas não é indício de terríveis sofrimentos*; muito pelo contrário, elas surgem em tempos de conforto e de facilidade – verdadeira “*miséria dos tempos atuais*”... *A vida é um mal? Que seja! O remédio contra a miséria chama-se miséria.*

Luís da Silva vive a amargura da negação, da sombra, do escuro e do nojo. Da inércia, da angústia cruel irrevogável, trazendo em si os elementos inesgotáveis do desespero. Ele assimila o mundo ao seu mundo interior. Um *zero interior* anula os valores propostos ao pensamento: nele, há *depravação de valores*, sentimento de abjeção ante o qual tudo se reveste de *zoomorfismo* empastado e nevoento. *O mundo é sujo* e Luís se sente também sujo fisicamente, *daí sua obsessão pela água purificadora* evocada em toda obra entrando no *banheiro*, abrindo a torneira, *lavando as mãos infinidade de vezes por dia.*

As visões de Julião Tavares se avolumam e corporificam tudo aquilo que Luís odeia. A morte do rival seria a afirmação de sua virilidade espezinhada, a remoção do obstáculo

máximo de suas limitações e de sua existência fracassada. Seria preciso superar esse desafio pela força. Resistindo, deveria ser destruído para que ele (Luís) não o fosse.

Alimentado pelo desejo não satisfeito, vê em tudo manifestações eróticas no seu *deserto de nojo e angústia*, com as mãos sempre sujas:

Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. *Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço.* (...) A multidão hostil e terrível. (...) *penso* nos que se atacam junto a uma vitrina, em posição incômoda, *no operário que tem fome* e ameaça o patrão, na criança que chora perdida, chamando a mamãezinha. Tudo foi visto ou ouvido de relance, talvez não tenha sido visto nem ouvido bem, *mas avulta quando estou só* – (...) Eles me invadem por assim dizer violentamente. (A. p. 134.)

Lavo as mãos uma infinidade de vezes por dia, lavo as canetas antes de escrever (...) Preciso muita água e muito sabão. (...) *Não tinha medo da cadeia. Se me dessem água para lavar as mãos.* (...) *Podia o resto do corpo ficar sujo, podiam os piolhos tomar conta da cabeça* e as roupas esfrangalhadas cobrir mal a carne friorenta. *Se me dessem água para lavar as mãos, estaria tudo bem.* Dar-me-iam água para lavar as mãos? (p. 162).

A obsessão pela água purificadora aumenta na proporção de suas visões de Julião e do mundo circundante, opaco, amorfo e sem propósito. Essa consciência angustiada faz-nos lembrar da *mão suja*, de Carlos Drummond de Andrade: “Minha mão está suja. / Preciso cortá-la. / Não adianta lavar.”

É o dilaceramento do indivíduo impedido de desenvolver suas potencialidades, niilizado pelo sistema, interrogando a própria essência.

Segundo José Fernandes (1: 30), a angústia é o conhecimento do não-ser. “Nela o ser se vê no trajeto existencial: não-ser, ser, não-ser. (...) A personagem fala para viver, ou nada fala, porque já niilizada (...) A angústia portanto é a angústia do nada. Daquele nada que ameaça o ser essencial e existencialmente. Quando se afirma que o existencialismo é a filosofia da angústia, está-se dizendo que é, ao mesmo tempo, a filosofia do homem. O homem é, substancialmente, angústia. Destarte, a literatura moderna – aquele que tem o ser do homem como fundamento e interrogação primeira – é uma literatura da angústia e, portanto, uma arte da existência.” Literatura de *recordações com estranhos hiatos*, sonhos em que tudo é criação *no espírito de um Luís da Silva qualquer*.

4 Corrupção, mentiras, reputação (n.ºs. 23, 29, 296)

A arte de ferir, de torturar com a palavra e olhar, para Nietzsche, alcança em tempo de corrupção seu aperfeiçoamento supremo. Nasce o prazer de ser mau. *As pessoas das épocas de corrupção* são “espirituais”, caluniadoras. Sabem que se pode matar dispensando o punhal e a surpresa *e que se acredita em tudo que é “bem dito”*. E exatamente quando os costumes se corrompem é que surgem os tiranos, “as precoces *guardas avançadas do indivíduo*”. Mas, se o cidadão tiver um pouco de paciência, esse fruto dos frutos terminará por cair bem maduro da árvore de um povo. No auge da decomposição sempre aparece um César, tirano definitivo, que dá o golpe de misericórdia à luta depauperante dos concorrentes à preponderância, servindo-se do cansaço em seu proveito.

Sabe-se que o indivíduo, *autêntico homem em si*, pensa mais nas coisas do momento que o *homem de rebanho* e se julga capaz de ações e de investigações que não podem contar com a compreensão ou perdão da massa ... a não ser que o tirano ou César compreendam o direito desse indivíduo, mesmo nas suas aberrações. Nietzsche não se preocupa com o progresso do homem através da liberdade sob a égide da lei, mas com a liberdade do homem. Escreve como se a Revolução Francesa não tivesse acontecido, e como se toda associação não fosse mais que uma invasão da *individualidade do homem*, uma ameaça ao que deveria ser uma afirmação natural de independência de quanto existisse fora dele. Diferentemente de Marx e de Freud, Nietzsche não acredita que a responsabilidade de um homem pelo que ele é possa ser transferida para a sociedade ou explicada pelos traumas de infância (como muitas vezes aparenta em seus escritos híbridos e, por vezes, contraditórios) nem por quaisquer outros mecanismos impessoais.

É esse espírito de rebanho e essa falta de autenticidade que faz Luís da Silva odiar Julião Tavares e questionar o mundo de safadezas:

Comecei a odiar Julião Tavares. Farejava-o, percebia-o de longe (...) – Canalha! *Tudo nele era postiço, tudo dos outros.* (...) Se me tivesse *encomendado e pago um artigo de elogio* à firma Tavares & Cia., eu teria escrito o artigo. É isto. *Pratiquei neste mundo muita safadeza.* Para que dizer que não pratiquei safadezas? Se eu as pratiquei! É melhor botar a trouxa abaixo e contar a história direito. Teria escrito o artigo e recebido o dinheiro. *O que não achava certo era ouvir Julião Tavares todos os dias afirmar, em linguagem pulha que o Brasil é um mundo, os poetas alagoanos uns poetas enormes e Tavares pai, chefe da firma Tavares & Cia, um talento notável, porque juntou dinheiro. Essas coisas a gente diz no jornal, e nenhuma*

peessoa medianamente sensata liga importância a elas. *Mas na sala de jantar, fumando, de perna trançada, é falta de vergonha* (A. p. 52).

Ajuntadores de mentiras (G. C. n° 29) são os conservadores de todos os tempos com sua grande má fé, inventando mais razões para prolongar a vigência das leis. “O que se faz e sempre se fez acerca de qualquer religião, de qualquer moral reinantes: os *motivos e intenções* que se escondem atrás do hábito *sempre são inventados depois, por mentira, logo que alguém começa a combater o hábito*, a perquirir-lhe as razões e intenções.”

O intelecto, que é um meio de conservação dos indivíduos mais fracos, tem originariamente por função produzir disfarce, máscara, ilusão, mentira com o objetivo de compensar uma falta de força. A partir do momento em que se estabelece uma designação uniformemente válida e obrigatória para as coisas, o mentiroso é aquele que utiliza as palavras, as designações pertinentes, para fazer o irreal parecer real. A verdade não é uma adequação do intelecto à realidade. É o resultado de uma convenção que é imposta com o objetivo de tornar possível a vida social. É uma ficção necessária ao homem em suas realizações com outros homens.

Um homem não ama necessariamente a verdade; deseja suas consequências favoráveis. O homem também não odeia a mentira. Ele não suporta os prejuízos causados por ela. O que não se aceita e não se deseja é o que é considerado nocivo – as consequências nefastas tanto da mentira quanto da verdade. Quando a mentira tem valor agradável ela é muito bem aceita e permitida. Mas a verdade aparece sempre como uma necessidade social:

Que será de mim para o futuro? Está claro que não inspiro confiança aos trabalhadores. (...) – “*Camarada Luís da Silva, você escreveu um artigo defendendo o imperialismo*”. – “*Não escrevi não. Sou lá homem para defender o imperialismo?*” – “*Está aqui o original é a sua letra...*” Se o dr. Gouveia, o governador, o secretário, passarem por mim, não os verei: seguirei o meu caminho com dignidade curva... É bom não levantar a espinha. Se a levantasse, teria de abaixá-la de novo a cada passo, aflito e apressado (...) entrando no futuro como um parafuso. *Camarada Luís da Silva, antes da revolução você elogiava os políticos safados do interior, os prefeitos ladrões. Onde está o dinheiro que essa gente lhe deu?* (A.p. 123).

A reputação estabelecida (G. C. n° 296) é coisa de extrema necessidade. Em toda sociedade dominada pelo *instinto de rebanho* cada indivíduo dá seu caráter e suas ocupações como invariáveis, mesmo quando não o sejam. “Pode-se confiar nele, não é homem de mudanças”. *E aí daquele que se arriscar sair dos trilhos do rebanho*. Será devorado com facilidade por algum lobo faminto. O sentimento daquele que busca o conhecimento estando

em contradição com a *reputação fixa* é considerado desonesto, enquanto a petrificação das opiniões tem todas as honras. Para que serve afinal de contas a moral, se a vida, a natureza, a história são imorais? Nessa perspectiva é melhor cuidar da reputação estabelecida, ter o respeito da opinião pública:

A justiça e a religião não tomariam conhecimento do caso (aborto). E a família de seu Ramalho continuaria como estava, sem um escândalo (A. p. 178).

5 Que é viver? (G. C. n°s. 26, 324, 376)

Viver é repelir constantemente para longe de nós tudo aquilo que deseja morrer. Viver é também ser cruel, impiedoso para tudo que envelhece e enfraquece em nós e mesmo além de nós. Viver é também não ter piedade dos moribundos, dos velhos e miseráveis? Talvez não, se atentarmos para o mandamento do velho legislador *Moisés* que disse: “*Não matarás*”. (G. C. n° 26) A vida pode ser experiência àqueles que procuram saber e não dever, fatalidade, falácia. É o próprio conhecimento, um mundo de perigos e vitórias. *A vida é um meio para o conhecimento*, bravura, alegria. E como se entende de viver e rir, se não se entende de guerra e vitória?

Graciliano costuma ironizar o nome de suas personagens (Baleia no seco do agreste, Vitória não tinha uma cama de couro para repousar. Creio que assim o faz com *Moisés*, o *moralista hebreu* (judeu seria depreciativo?) que *conduziu o povo de Deus pelo deserto* até o pé do monte do Sinai, no topo do qual *recebeu as leis para depois apontá-las* uma a uma aos filhos de Israel *com dedo cuidadoso*:

Nunca vi ninguém ler com tanta rapidez. Percorre as colunas com o dedo e para no ponto que lhe interessa. (...) *É um dedo inteligente o de Moisés*. O resto do corpo tem pouca importância (...) *O que a gente nota é o dedo. O dedo e a voz sibilada, descontente, sempre a anunciar desgraças*. (...) E eu acredito em *Moisés*, que não escora as suas opiniões com a *palavra do Senhor*, como os antigos: cita livros, argumenta. *Prega a revolução*, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários.

De repente cala-se: foi o doutor chefe de polícia que apareceu e começou a cochichar com os políticos. *O dedo de Moisés some-se* entre as folhas do jornal, *o revolucionário esconde-se por detrás do sorriso* inexpressivo. Covardia. Mas afasto este pensamento severo. *Moisés não tem jeito de herói*.

Estava tão abandonado neste deserto... Só se dirigiam a mim para dar ordens... (A. p. 26)

Agora Moisés está contando as perseguições aos judeus, na Europa (...) Sofrimentos! Iniquidades. (...) Entro a falar sobre a minha vida de cigano, de fazenda em fazenda, transformado em mestre de meninos. (A. p. 27)

Observa J. P. Stern (6: 45) que “O princípio da autenticidade como valor moral é enunciado em inúmeras ocasiões, desde o tempo do ensaio sobre Schopenhauer em 1874 [PI, III, § 1] até *Ecce Homo* e a última nota de 1888:

Que é o que diz tua consciência? – *Virás a ser o que és.*”

(Segunda Ode de Píndaro)

Assim, Nietzsche deixa o leitor perguntando aos seus botões se essa formulação não conterà também um pouco da voz que *Moisés ouviu* na sarsa ardente e que disse: *Eu sou o que sou*. De qualquer forma, a intenção e Nietzsche com sua implicação idiossincrasicamente religiosa é clara e inteiramente familiar: o único imperativo absoluto a que o homem deve obedecer é o do seu potencial interior – o que quer que lhe seja dado vir a ser, isso indicará a direção e constituirá a meta de seu intenso lidar, de sua vontade. “Á autenticidade é a coincidência deliberada do que e homem é com o que pode vir a ser.” (Stern, id. ibid.)

Na obra de Graciliano Ramos a atitude pessimista faz com que o homem seja colocado diante de duas situações: violência ou ausência de vontade ou vontade desvirtuada da força. Assim o autor faz de sua literatura o seu protesto, seu modo de manifestar-se *contra o mundo das normas repressoras*, rumo à recusa de Deus e negação da ordem dominante. O estrangulamento de Julião Tavares é de algum modo o símbolo da negação de um determinado mundo – o mundo da burguesia e do capitalismo com todos os seus valores. *Se viver é também ser cruel* para com tudo que envelhece, um “pedaço de corda amarrado no pescoço” daquele “canalha”, seria mais que uma profissão de anarquista ou pessimista. Talvez fosse uma tentativa de “higienização” para mudanças, apesar do velho Moisés ter dito: “Não matarás” (G. C. n° 26).

6 Violência, “desforra” (G. C. n° 290)

Uma coisa é necessária: que o homem esteja contente consigo mesmo. Porque aquele que está descontente consigo mesmo está continuamente prestes a se vingar, tem aspecto repugnante que o torna mau e sombrio como Luís da Silva:

Quando caminho, a cabeça baixa, como a procurar dinheiro perdido no chão, há sempre muito pano subindo-me na barriga, machucando-se, e é necessário puxá-lo, ajeitá-lo com o cinto, que se afrouxa. *Estes movimentos contínuos dão-me a aparência de um boneco desengonçado, uma criatura mordida pelas pulgas. (...)* Levanto-me. Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes. *Um cachorro como Juliano Tavares andar impertigado, e eu curvar-me para a terra, como um bicho!* (A. p. 122)

O que eu desejava era apertar o pescoço do homem calvo e moreno, apertá-lo até que ele enrijasse e esfriasse. (...) os meus dedos continuariam crispados, penetrando a carne que se imobilizaria, em silêncio (...) Enfim desejava matar um homem que me roubava o sono. (A. 110)

O homem tinha os olhos esbugalhados e estrebuchava desesperadamente. Um pedaço de corda amarrado ao pescoço entrava-lhe na carne branca, e duas mãos repuxavam as extremidades da corda, que parecia quebrada. (...) E o homem arquejava no calçamento, os olhos abotoados, a cara roxa, os dentes à mostra, a língua fora da boca. (A. p. 115)

O nojo apoderou-se daquele provinciano e de toda sua alma carregada das dores humanas e o fez com tanta impaciência e tão loucamente como no instante precedente antecipava em espírito (nas visões de Julião) a volúpia da vingança (G. C. n° 49). Mas este sentimento volta-se contra o próprio Luís que se anula pela autopunição e só consegue equilibrar-se com o assassinato do rival. Equilíbrio aparente e precário que o deixa arrasado, entretanto única forma encontrada para firmar-se na busca da própria essência.

7 Aparência (G. C. n.º 54)

A questão da aparência é central em toda a filosofia de Nietzsche. Em *O nascimento da Tragédia* e escritos ou fragmentos póstumos seu pensamento se estrutura, *inspirado em Kant e Schopenhauer*, utilizando as dicotomias *essência e aparência*, coisa-em-si e fenômeno, vontade e representação. “O homem filósofo tem mesmo o pressentimento que sob a realidade em que vivemos e onde estamos se oculta uma segunda, totalmente diferente, de tal modo que a realidade também é uma aparência.” (N.T.§ 1). Se a beleza é uma aparência é porque há uma verdade que é a essência. A beleza é também uma aparência, um fenômeno, uma

representação que tem por objetivo mascarar, encobrir, velar a verdade essencial do mundo. O grego criou um mundo de beleza para escapar do saber popular pessimista. Estratégia para que a verdade dolorosa do mundo não ecloda. E quando se diz que algo é belo apenas se diz que tem uma bela aparência, sem nada se enunciar sobre sua essência, – intensificação, porém, das forças da vida para aumentar o prazer de existir. Assim os gregos ultrapassaram, encobriram ou afastaram um saber que ameaçava destruí-los, graças a uma *concepção apolínea da vida – o elogio da aparência*, na análise de Nietzsche; um povo exposto ao sofrimento precisa de miragens artísticas para mascarar os terrores e atrocidades da existência e nada melhor para isso que os deuses olímpicos, deuses da alegria e da beleza, resplandcentes filhos do sonho. Divinizar, nesse contexto, significa fundamentalmente tornar-se belo, embelezar.

Aparência para Nietzsche é a própria vida e ação (G. C. n° 54); vida que troça suficientemente de si para mostrar-nos que nela há apenas aparência, “fogo-fátuo, dança dos elfos e nada mais.” A materialidade daquele pessimismo denominado há pouco de *sabedoria popular, filosofia do povo* da Grécia é ilustrada pela sabedoria de Sileno, personagem lendário, companheiro de Dionísio:

Midas, rei da Prígia, perguntou ao sábio:

— O que existe de mais desejável para o homem, qual é o bem supremo?

Pressionado Sileno respondeu:

_ O bem supremo te é absolutamente inacessível: *é não ter nascido, não ser, nada ser.*

Em compensação, o segundo dos bens tu podes ter: é logo morrer. (N. T. , § 3)

A arte grega tem origem nesta problemática. Dar ao mundo uma superabundância de *vida através da aparência.*

Graciliano Ramos prefere o pessimismo da sabedoria popular. Ao som de tambores e toques de corneta, Marina aguardava a água ferver na caixinha de lata de D. Albertina para o aborto, apesar de “o filho de Julião ser necessário ao patriotismo.”

O filho de Julião Tavares rebentaria como um tumor. D. Albertina lavaria as mãos sorrindo (...)

O filho de Julião não viria ao mundo penar, cantar na escola o hino do Ipiranga, mover-se no exercício militar, curtir fome nos bancos dos jardins, amolar-se nas repartições, adular nos jornais o governo. E a família de seu Ramalho nada sofreria (A. p. 177)

— *Para que ter filhos, minha senhora?* A gente sofre, mas se eles vivessem, podia ser pior, não é verdade? *Criar infelizes...* Uma responsabilidade minha senhora, responsabilidade enorme. (ib. p. 178)

Quando à aparência física, Luís afirma que “nem só de *smoking* vive o homem”, entretanto Julião fazia desse luxo uma constante e com muito gosto num camarote:

Marina passeava o *lorgnon* pelos camarotes, indiferente, e os rapazes abotoavam para ela os olhos gulosos. (...) Dentro de alguns anos estaria enforcado, mas agora estava bem vivo. E na camisa branca, sem uma dobra, as pedras dos botões faiscavam, no dedo grosso o rubi faiscava, a gola de *smoking* faiscava. (ib. p. 125)

8 Loquacidade (G. C. n.º. 97)

Segundo Nietzsche, há uma *loquacidade na cólera* – com frequência em *Lutero* e também em *Schopenhauer*. Uma loquacidade proveniente de abundância de fórmulas conceituais, como em *Kant*. Loquacidade de prazer de expressar de cem maneiras novas a mesma coisa. Há também a loquacidade da volúpia da palavra certa e da linguagem bela, usual na prosa de Goethe. E a do puro prazer do barulho e da confusão de sentimentos, como em Carlyle. Esta última loquacidade deve confundir-se com a de Julião em contraposição à cólera de Luís da Silva:

A cólera engasgava-me. Julião Tavares começou a falar e pouco a pouco serenou, mas não compreendi o que ele disse. (...)

— Tem negócio comigo? repeti sem pensar que o tipo já havia provavelmente dado resposta.

A loquacidade de Julião Tavares aborrecia-me. Uma voz líquida e oleosa que escorria sem parar. A minha cólera esfriava... (ib.p. 78).

9 Amor (G. C. n.ºs. 14, 334, 363)

A mais bela paisagem, depois que vivemos em face dela durante três meses ou mais já não nos agrada tanto, qualquer margem distante nos atrai com maior intensidade: uma possessão geralmente diminui com o uso. “Cansar-se de uma possessão é cansar-se de si mesmo.” Mas é no amor de sexo para sexo que esse desejo de posse se revela mais nitidamente. *Aquele que ama quer ser possuidor exclusivo da pessoa que deseja*, um poder absoluto tanto sobre seu corpo quanto sobre sua alma, quer ser amado unicamente, instalar-se e reinar em outra alma como o mais alto e desejável. Essa cupidez bárbara deixa espanto

porque procura empobrecer e privar os demais concorrentes. “É o mais egoísta dos exploradores”: o resto do mundo lhe parece indiferente, desbotado, “sombrio”, “nevoento”, como no caso do amor de Luís da Silva por Marina. Dessa forma, poderia o amor ser o oposto de egoísmo?

Também no amor é preciso aprender (G. C. n° 334), assim como na música aprendemos a ouvir, distinguir o tom, o tema, o motivo, com esforço e boa vontade. Muitas vezes, com caridade pela sua estranheza.

Cada um dos sexos tem o seu modo peculiar de amar (G. C. n°. 363). Nietzsche não admite que se fale em igualdade de direitos em amor: “esses direitos não existem!” E, se acontecer de um homem amar uma mulher, de verdade, tornar-se-á seu escravo. A paixão completa e com absoluta renúncia deve ser apenas da parte da mulher, porque somente ela é capaz de semelhante sentimento. Aliás, “a mulher deseja ser tomada e aceita como propriedade. A mulher se entrega, o homem toma.” Além do mais, *fidelidade* deve estar sempre compreendida no amor da mulher. No homem, o amor é um desejo de posse, nunca pode ser de renúncia e abandono: o desejo de posse termina na posse.

Em **Agústia**, Luis ama profundamente Marina e torna-se escravo do ciúme e de seus desejos insatisfeitos. A tensão dramática do sexo reprimido faz crescer em seus sonhos e visões todo tipo de imagens eróticas com vestígios de posse, apesar de toda a infidelidade de sua hipotética noiva:

Meu banheiro tornou-se vazio. *Agucei o ouvido*, arregacei as narinas (.....)

– Marina!

Marina abriu a torneira e entrou a lavar-se, cantando uma cantiga rouca, estrangulada, medonha (...)

– Marina, abra a porta. Abra a porta, minha filha. *Marina devia estar quase limpa.* (...) e *Marina era outra*, vermelha, o espinhaço levantado, *como um ano antes, quando havia surgido entre os canteiros*, empinando-se, os cabelos pegando fogo. *As visões do sono tinham-se dissipado.*

_Marina!

(...)

... A senhora não sabia? Para que fingir que não sabia? A senhora sabia. (A. p.141-2)

... *Agora* já sabe. Pois é. Escangalhada, *com um filho na barriga*. Não faça essa carinha de santa não. (ib. p. 143)

Marina tinha sido julgada e absolvida. (...) Esqueci que ela um ano antes invejava as meias de seda e os vestidos de d. Mercedes. (...) Julião Tavares morreria violentamente e sem derramar sangue. *Em*

sonhos ou acordado, vi-o roxo, os olhos esbugalhados, a língua fora da boca. (ib. p. 145)

Pensei na rede onde Marina descansava à noite e que me roubava o sono, ringindo nos armadores (ib. p. 148).

10 Em face de um livro sábio (G. C. n.º. 366)

Diz Nietzsche que no livro de um sábio há quase sempre algo oprimido que oprime. Isto porque todo ofício, mesmo admitindo-se que seja u'a mina de ouro, tem sobre si um céu de chumbo que oprime a alma, que a aperta até que esteja estranhamente emplastrada e encurvada. São os ossos do ofício, sacrifício que cada um faz em sua especialidade. Mas “desejais que seja mais fácil não é, senhores meus contemporâneos?!” Então que seja. Neste caso o *literato hábil* e engenhoso, que não encorcova, a não ser em medidas de caixeiro de loja do espírito e como *representante da cultura*, realmente interpreta o povo e suas angústias.

Ele virá no lugar do “ofício e do mestre”. Um literato de verdade, não um parasita da cultura que todos nós desprezamos. Porque aquele que não sabe manejar o próprio espírito e não tem opinião formada sobre assuntos relevantes é como um mercador que não tem “mercadorias próprias para a negociação!” (G. C. n.º. 366)

Como João Valério (Caetés), Paulo Honório (São Bernardo), *Luís da Silva* também é um herói decaído ou problemático que *vira escritor do nojo* e da análise impotente da miséria e da moral de seu mundo, como representante *da angústia coletiva*, de seu povo. *Algo oprimido que oprime.*

Em **Angústia**, o narrador-protagonista ainda mais dividido e contraditório, traz a fragmentação de si mesmo e da própria escrita:

Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois de um esquecimento quase completo. (...) Até as feições das pessoas e os lugares por onde transitei perdem a nitidez (A. p. 110).

Mas (o literato) *Luís da Silva*, segundo José Fernandes (*O existencialismo na ficção brasileira*, p. 235), embora niilizado pelo sistema, “conhece suas limitações humanas e conserva ainda qualidades essenciais suficientes para viver e perscrutar a própria essência”, como já dissemos anteriormente. Portanto sabia manejar o próprio espírito, na rede, na esteira,

nas pedras e nas cortinas de picumã que margeiam os jornais de uma prisão em que os objetos se deformam:

Escreveria um livro. A idéia do livro aparecia com regularidade. Tentei afastá-la, porque realmente era absurdo escrever um livro numa rede, numa esteira, nas pedras cobertas de lama, pus, escarro e sangue. Olhava as telhas, movediças, a garrafa de aguardente, movediça. O livro só poderia ser escrito na prisão, em cima das pedras, na esteira, na rede, sob as cortinas de picumã. Um livro escrito a lápis, nas margens de jornais velhos. Os objetos deformavam-se. (ib. p 223)

Em face de um livro sábio, é muito importante que as livrarias e os autores não se prostituam resignados, expondo-se sem julgamento de valor nas vitrinas e nas ruas de lama, sob o impulso dos livros:

Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali *peessoas exibindo títulos e preços* nos rostos, *vendendo-se*. É *uma espécie de prostituição*. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à-toa. Basbaques escutam, saem. E *os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da Rua da Lama* (ib. p. 7).

Conclusão

Nietzsche, ao lado de Marx e Freud, constitui uma das mais importantes fontes do pensamento moderno. Sua obra são breves “reflexões”, outras vezes, uma grande mitologia, num esforço deliberado para alcançar um sistema filosófico abrangente. O mais literário dos filósofos contemporâneos (não como Sartre, um filósofo que escreve obras de ficção) – sempre teve o cuidado de permanecer livre da influência dos outros e das algemas dos próprios preconceitos. De formação luterana, teve a coragem de levantar formulações ousadas, como a de que “Deus está morto”, de que o mundo é produto da vontade de poder, de que o verdadeiro valor está na moralidade da teimosia e da obstinação e de que o ser verdadeiro tem necessidade da bela aparência, de uma arte apolínea, da “gaia ciência”.

Seus textos muitas vezes são contraditórios, mas repetidamente orientados para a função e o valor da verdade, desmascarando assistematicamente “a ética do elogio e da censura, da punição e da recompensa, e da agonia da consciência.” (Stern, p. 95)

Suas “experiências filosóficas” advêm dos mais importantes acontecimentos de sua própria vida. Em **Angústia** - cabe a pergunta: até que ponto Luís da Silva incorpora elementos autobiográficos de Graciliano? As horas de um longo pesadelo surgem de coisas vistas e sentidas, da experiência do cotidiano para construir o fluxo da consciência desse narrador-protagonista entre paredes de letreiros incendiários e de legendas subversivas?

Apesar de Nietzsche afirmar que o sofrimento é preciso, que apenas o grande sofrimento liberta o espírito e nos faz profundos e melhores (Sua própria vida sempre foi difícil, um fardo pesado de carregar), recomenda paradoxalmente que deve existir sempre, também, um motivo para rir e estar alegre. Sua obra é um misto de profundidade e de petulância, de (des)esperança e de loucura agarrado à apologia da aparência. Também Graciliano busca a matéria vil para construir sua narrativa na “experiência” crua do “saber” do dia-a-dia, entretanto não se utiliza (da beleza) da aparência para mascarar ou encobrir a verdade essencial do mundo ou para escapar do saber popular pessimista: o itinerário de Luís da Silva é sujo, escuro e nevoento de frustração e rancor; de revolta impotente e de ambiguidade dilacerante. Um misto de nojo e repugnância na velocidade da febre e da loucura, nas páginas finais de seu destino de herói problemático, egoísta e autodestrutivo.

Mas deve haver sempre um motivo para ficar alegre e dançar ironicamente em cima dos “regulamentos” e *para além* da moral (do bem e do mal), para além da angústia e da dor. É preciso crer na aparência, nos sons, nas palavras:

Luís da Silva, saia do silêncio, da escuridão de corvo, dos braços das trevas e do piche, dos delírios da aguardente de seu Ivo. Deixe o mundo de mentiras. Pisoteie grilos, ratos, pulgas, aranhas, moscas, cascavéis e jararacas. Todos eles são monstros de sua angústia. Sonho também faz parte da vida. Adquira bilhetes de loteria. 16. 384. Uma cobra? Seria premiado. E cangaceiros e vagabundos do mundo e das cidades, “figurinhas insignificantes” e populares, viriam descansar com você em um colchão de paina.

Desenhe lentamente um ponto de interrogação com talento de gênio. Ligue a “vitrola” de d.Mercedes, deixe a claridade da manhã brilhar à sua volta, rode uma marcha de carnaval, ao som de pandeiros verde-amarelos. Esqueça os carapanãs (muriçocas). Também a “estúpida cornamusa” (gaita de foles). Dance no epílogo (G, C. n° 383), ao som de flauta, alegres melodias, com a “gaia ciência”.

E “ao leitor as virtudes da verdadeira arte de ler”.

Referencias bibliográficas

FERNANDES, José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1986.

HUISMAN, Denis. **Dicionário de obras filosóficas**. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Trad. de Márcio Pugliesi et al. Rio de Janeiro: Tecnoprint/Ediouro, (Col.Universidade e Bolso) /s. d./

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

STERN, J. P. **As idéias de Nietzsche**. Trad. de Octávio Mendes Cajado, São Paulo: Cultrix, 1982.

Ercília Macedo-Eckel é membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ. Mestra em Letras pela UFG.

www.erciliamacedo.com.br